

## “IN-BETWEENNESS”: INTERSTÍCIOS NAS CRÔNICAS DE JOÃO DO RIO

Profa. Dra. Vera Lucia Harabagi Hanna (UPM)<sup>1</sup>

### RESUMO:

*O objetivo do estudo é o de ler João do Rio (1881-1921) a partir da visão gilbertiana de interpenetração de culturas, em que a idéia central de hibridização, a de que o pessoal e o social não se repelem nem se excluem, mas se completam dentro do indivíduo. A noção de “in-betweenness” que traz ambigüidades sobre as múltiplas identidades e cidadanias, era tema constante em João do Rio nas crônicas escritas para a Revista da Semana e jornais da época. Ao transitar pela capital que se dividia em muitas - a cidade do ‘grand monde’, e do ‘bas-fond’, dos ‘encantadores’ e da ‘canalha’, do sagrado e do profano, e registrar os dois lados em seus escritos, ele também se revelava.*

**PALAVRAS-CHAVE:** re-europeização; hibridismo cultural; “in-betweenness”; João do Rio

### Introdução

Após séculos de monopólio português, a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, em 1808, significou não só a abertura do comércio, mas também o início da procura dos brasileiros por uma identidade nacional. Origina-se daí um processo de re-Europeização do país com a re-emergência do país no círculo da influência européia que, encetada pelos portugueses no século XVI, descontinuada após um momento de isolamento no período colonial em seguida ao descobrimento, no entanto, jamais foi interrompida. Nesse contexto, o século XIX recebe atenção especial pelo grau de impacto dessa intervenção, uma vez que, terminado o período colonial, surge, imediatamente, a nova ordem neocolonialista, dominada no âmbito econômico, pelos britânicos – os oitocentos têm destaque não por realizar a introdução ou a re-introdução das influências européias no Brasil, mas por confirmar o seu triunfo (NEEDELL, 1987).

A sociedade brasileira adentra o século XX marcada pelo tradicional e o moderno, o passado e o futuro, pressionada por aqueles que pregavam o progresso, vistos como ‘ditadores’ da modernidade. Buscava-se a ‘ordem’ e o ‘progresso’ num ambiente em que o presente agrário e a falta de integração nacional deixava grandes dúvidas quanto ao que significava a modernidade, ao mesmo tempo em que dificultava o relacionamento da sociedade num conjunto coerente (HANNA, 2006).

O advento da Revolução Industrial, principalmente com o surgimento da Grã-Bretanha no papel de jovem capitalista, pode ser considerado como um dos primeiros passos do ocidente em direção à homogeneização cultural. A Inglaterra, país hegemônico no século XIX, abasteceria o mundo não só com objetos importados, mas também com

---

<sup>1</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Comunicação e Letras. verahanna@uol.com.br

idéias, padrões de comportamento, hábitos de consumo, gostos artísticos, preferências políticas, e, sobretudo, com as novas invenções, que acrescentariam traços culturais originais aos países que com ela mantivessem contato direta ou indiretamente.

Um dos efeitos imediatos relacionado ao afã da modernização é que essas mudanças originaram uma economia de larga escala e, como consequência, os países periféricos, ao tentarem se igualar aos padrões sociais, culturais e ideológicos dos países hegemônicos e, já dependentes de capitais europeus, contraíram ainda mais dívidas. O resultado da propagação desse consumismo como fato, ou como ilusão, foi um interesse crescente e ininterrupto - indubitavelmente vantajoso para os britânicos - naquela cultura, que forneceria subsídios para que o mundo iniciasse uma trajetória em direção a um grande supermercado cultural e levava, além disso, a um conflito todo aquele que estivesse à procura de uma identidade cultural.

Nesse sentido, torna-se evidente o fato de que os ingleses, por terem conferido aos brasileiros melhores condições de habitabilidade e transporte, incluindo os modelos de moradia, de mobiliário, de alimentação, de indumentária, a qualidade de higiene - a importação de artigos domésticos, como talheres, louças, alimentos, objetos de uso pessoal, materiais e máquinas - constituiu uma mudança profunda na cultura brasileira, cultura no sentido sociológico, atestada, do mesmo modo, quando se analisa os empréstimos lingüísticos subjacentes aos artefatos, práticas e representações hibridizados (HANNA, 2004).

## **1. O Rio de Janeiro e a tradução dos ‘costumes civilizadores’**

É notório que não pode haver lugar mais adequado para a adoção de novos hábitos do que as grandes metrópoles, nomeadamente se estas, como o Rio de Janeiro, sejam ainda cidades portuárias, exatamente onde se estabelecem as zonas de comércio. Esses espaços constituem-se num ambiente ideal para que ocorra o estágio primeiro do florescimento da idéia própria de contato, o ponto de partida, literalmente, para uma globalização cultural, pois naqueles locais, a tendência global para a mistura verte os elementos concretos básicos para o processo de hibridização. A aventura neo-imperial do comércio criara as zonas de contato, espaços em que acontecem o cruzamento do comércio com o da cultura de forma espontânea, sítios perfeitos para os encontros culturais, uma vez que a presença de estrangeiros de diversas origens se defrontam, proporcionando sobreposições ou intersecções de culturas. A princípio, pode-se ter a impressão de que esteja ocorrendo apenas uma ‘vaga mistura’, mas a longo prazo, o encontro de pessoas e de ocorrências distintas acarretam mudanças muito mais profundas, mais contundentes e duradouras.

Vale destacar, nesse contexto, a visão gilbertiana de interpenetração de culturas que contempla o pessoal e o social não de forma a se repelir ou excluir, mas sim como a se completar dentro do indivíduo, já que considera o estudo do sujeito em relação com a totalidade de sua situação, não existindo vácuo moral ou social. Avalia o processo como integrador dos costumes de uma sociedade que acaba por originar, nas palavras do autor, “uma cultura nova e híbrida, múltipla e rica, ainda que confusa, em suas heranças, em suas técnicas de desenvolvimento, em seus valores e estilos de vida moral e intelectual, estética e material” (FREYRE, 2000, p. 38). Trata-se, enfim, de um procedimento agregador das culturas envolvidas.

Na apreciação das tentativas de acomodação de paradigmas europeus perseguidos a qualquer preço pelos brasileiros no século XIX e a ânsia de copiar tudo o que era estrangeiro, constata-se que a empreitada levava a sociedade carioca emergente a extremos. O fato de o Rio de Janeiro ser um porto tropical, não impedia que os cariocas recriassem os modelos franco-ingleses intactos, com idolatria, independentemente do quão deslocados pudessem parecer quando postos em prática num país tropical que se libertava da escravidão e começava a experimentar o significado da vida republicana. A tradução de ‘costumes civilizadores’ era feita, muitas vezes, ao ‘pé da letra’, sem se incomodar muito em fazer adaptações de uma cultura para a outra - a moda é um bom exemplo disso. O figurino era trazido quase que intacto e implantado no Rio orgulhosamente (o indivíduo era reconhecido como rico de acordo com a espessura da roupa que vestia - camadas de lã, *tweed* escocês, casimira inglesa, *cashemeres*, revestindo o algodão e o linho da roupa de baixo), o clima, a paisagem tropical e as praias tinham pouca importância, o que contava era a cidade mostrar-se europeizada nas *garden parties*, acompanhadas de *drinks*, *whisky*, *rum*, *gin*, nos *five o'clock teas*, no *jockey club*, nos *derbies*, nos *clubs* de *sports* onde se apreciava *tennis*, *football*, *rowing* e se jogava *snooker*, *bridge* e *poker*.

Ao imitar a atmosfera européia, ao reconstruir ali Paris, Londres, com cuidadosos traços arquitetônicos, reconhecidos nos teatros, *boulevards*, bosques e restaurantes e trasladar os hábitos e atitudes da nobreza daqueles países com paixão, principalmente em relação ao consumo de bens julgados indispensáveis, os brasileiros denotavam não ter consciência do que significava uma tradição superior de cultura, pareciam julgar-se inferiores. Essa ocorrência está diretamente ligada a uma característica bem própria de um país que parecia não ter identidade, ou não se importar com tal fato, a cópia revestia-se de fetichismo, uma vez que era feita exclusivamente com a ânsia do indivíduo de poder ser identificado como um membro da elite (NEEDELL, 1987).

A identificação cultural era transformada mesmo em veneração, facilmente reconhecida nos mínimos detalhes do comportamento dos cariocas. As referências simbólicas eram determinantes naquele ambiente em que o fetichismo em adotar o figurino ‘apropriado’ envolvia ‘ser diferente’ dos habitantes locais e ‘ser igual’ aos do centro difusor. Ser elegante, ser ‘nobre’ significava, sobretudo, a capacidade de possuir bens, fato que era traduzido através das roupas, que exprimiam a admiração exagerada da ânsia de alcançar um *status* aristocrático, europeizado, é certo, que pudesse manifestar a proclamação de superioridade.

Se, por um lado, no quesito moda acontecia uma cópia fiel dos europeus, por outro, no processo de acolhida das novas atitudes, os brasileiros, ao receberem, adotarem e incorporarem as estrangeirices, muitas vezes, também as desenvolviam, recriavam, abasileiravam. No Rio de Janeiro, as idéias modernas eram apresentadas, discutidas, assimiladas e difundidas pelas elites intelectuais e políticas, detentoras que eram da chance de experimentar sensibilidades semelhantes diante do mundo, e, também, pelo fato de terem acesso aos novos meios de comunicação, participavam mais ativamente da transnacionalização da cultura. Tornavam-se, ato contínuo, responsáveis pela construção de comunidades de sentido e pela recomposição das culturas urbanas. Jornalistas, músicos, artistas, escritores, cronistas partilhavam o mesmo gosto e senso estético e, ao adotarem ritos e códigos de conduta similares, asseguravam seu fluxo divulgando as novas idéias nos salões, salas literárias, cafés, confeitarias, clubes, livrarias. Por essa razão, muitos recebiam apelidos pouco lisonjeiros como Machado de Assis, o de ‘mulato inglês’, ou José de Alencar de, simplesmente, ‘imitador’, vindos de intelectuais ufanistas que, ao perceberem as interferências estrangeiras, interpretavam tais processos como influências

negativas - o da *cópia*, o da *imitação* - e, ao condenarem os *imitadores*, diziam que ora eles se afrancesavam, ora se anglicizavam.

Embora haja uma tendência atual para a celebração do híbrido e a aceitação do pressuposto da intertextualidade - que rejeita a noção de cópia - a hibridez é também vista como uma fusão entre diferentes tradições culturais e como uma fonte poderosa de criatividade, pois dá ensejo à produção de novas formas de cultura. Isso não quer dizer que o seu relativismo não ofereça custos e perigos, sua característica indeterminação é também vista não só como um processo de encontro, troca, contato e interação, mas também como um processo de perda de tradições regionais e raízes locais, o que, inevitavelmente, provoca uma tensão entre o saber global e o saber local e leva o indivíduo a uma consciência dúplice (HALL, 1999, p. 91). Zonas de contato, como o Rio de Janeiro, recém se tornado republicano, ofereciam terreno propício para a elaboração de estratégias de auto-suficiência individual ou grupal e, assim, ao dar lugar a novas formas de identidade permitiam, ao mesmo tempo, a contestação relacionada à idéia de sociedade.

Tratando ainda da modernidade do final do século XIX, a idéia de *cópia*, de *imitação*, de *fingimento* relacionada ao ‘outro’, evidenciava que o ‘outro’ encontrava-se longe do Brasil, na Europa ou nos Estados Unidos da América. Reconhece-se os efeitos da Revolução Industrial na ânsia do país desejar um outro moderno, mesmo quando continuava ainda a ser uma sociedade agrária, recém saída do escravismo. Constata-se que, através dessa alteridade longínqua, e, por que não dizer, freqüentemente inalcançável, parecia que os brasileiros espelhavam os seus destinos (ORTIZ, 1994).

A partir dessas considerações, deve-se assinalar que os debates relativos às interações culturais sempre dão lugar a questões sobre as conseqüências da ‘invasão cultural’ - influências culturais nem sempre acontecem fácil e similarmente -, porquanto há várias maneiras diferentes de receptividade que podem estimular reações diversas, como de rejeição, segregação, resistência ou, como quer parecer, ocorreu, em linhas gerais no Brasil, no século XIX, aceitação, ‘saúdável’ acomodação. Igualmente, os resultados ou conseqüências das interações culturais são, ainda, considerados imprevisíveis porque as tradições estão sempre sendo construídas e reconstruídas. A recepção ativa provoca junto à adaptação, uma transformação contínua, muitas vezes intitulada de ‘domesticação’ do estrangeiro para que se ajuste ao novo ambiente, o que explica, no caso brasileiro, duas visões que se complementam: de um lado, acontece a anglicização e, de outro a ‘abrasileirização’. Desse ponto de vista, apreende-se que em encontros culturais estará continuamente subjacente a criatividade - seja ela individual ou do grupo envolvido e, a partir dela poderá advir mais, ou menos ‘substituições’, ou ainda, ‘meias-substituições’.

A análise do desenvolvimento das ocorrências das últimas décadas do século XIX promove a compreensão da gênese da identidade nacional, pois mesmo com o encerramento do período imperial, o Brasil continuava a ser um país agrário e não integrado nacionalmente. Vale lembrar que antigos dilemas não poderiam ser solucionados de imediato, pois tanto a Abolição dos Escravos como a instituição do regime republicano depararam-se com uma realidade incerta em relação ao futuro, o país não poderia ser transformado numa sociedade moderna e integrada da noite para o dia, haja vista as extremas diversidades regionais arraigadas num contexto paradoxal (HANNA, 2006). Como é sabido, a procura da identidade nacional é recorrente; na modernidade tardia, as identidades tornam-se cada vez mais fragmentadas, jamais singulares, pelo contrário, são “multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos” (HALL, 2006, p. 108). Deste modo, as inquietações de Saliba (2001) sobre “O que era ser *brasileiro* naquela sociedade cosmopolita e provinciana, moderna e antiquada, liberal e oligárquica?” e, ainda, “Como situar-se, se não como cidadão pelo

menos como indivíduo, naquela realidade cada vez mais fugidia, rarefeita e permeada de instabilidades sociais?” (p.297), nos levam a pensar quem fomos, quem viemos a nos tornar, e, de como podemos representar a nós mesmos.

## 2. João do Rio: o *flâneur*, o cronista, o tradutor, o etnógrafo moderno

A extraordinária expansão das grandes capitais européias, notadamente, Londres e, evidentemente, Paris, no século XIX, acarretou o aparecimento de um ambiente metropolitano moderno, criando novas formas de experiência e de percepção – consequentemente, um novo modo de ver e imaginar a estética da cidade. Dentre os representantes dessa nova forma de interpretar o homem e retratar a cidade, estão alguns expoentes da literatura panorâmica, gênero literário específico, radicalmente pequeno-burguês, cujos livros “consistem em esboços que, por assim dizer, imitam com seu estilo anedótico, o primeiro plano plástico e, com seu fundo informativo, o segundo plano largo e extenso dos panoramas”, como anota Benjamin (2000, p.33). Na metade dos oitocentos, essa literatura alcança seu apogeu, dedicando-se às cidades no lugar dos tipos humanos, como acontecia anteriormente.

João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881 – 1921), o João do Rio, é, em sua literatura o ‘homem **na** multidão’, o ‘homem **da** multidão’<sup>2</sup>, faz o papel de espectador e de protagonista ao mesmo tempo, é o leitor da ecologia urbana, tanto quanto Baudelaire e Poe o foram nas modernas Paris e Londres. O Rio de Janeiro do início do século XX, que copiava, em tudo, aquelas cidades, seria, portanto, a matéria, o cenário da vez e teria assim, como aquelas cidades, o seu grande *flâneur*.

“O Rio era a sua matéria, o seu cenário, o seu assunto permanente, o seu mundo literário”, anota Martins (2005, p.14). A maneira particular de ver a cidade, criticar o progresso, a modernização e a velocidade era decorrente do modo como João do Rio via o espaço público, como um personagem vivo. Passear sem pressa e sem destino – uma das grandes ambições do *flâneur* -, ir à procura de temas para seus escritos, assumir-se não só como observador passivo sentado à mesa de um café, mas também como um pedestre, um ‘homem na multidão’, um ‘pintor da vida moderna’, que acompanhava de perto as mudanças da cidade, assim o cronista fazia cumprir sua missão, a de registrar o novo Rio de Janeiro. Na cidade-motivo, inspiração para tantos, núcleo da mentalidade nacional, que começava a se urbanizar adotando uma aparência e uma sensibilidade de metrópole moderna, a radical transformação urbana influiria, igualmente, na estrutura social da coletividade.

Vivendo em completa interação com sua obra - escreve sempre na primeira pessoa, quer como si mesmo, quer quando encarna seus mais de dez pseudônimos<sup>3</sup>, João do Rio é testemunha da regeneração urbana que havia de transformar o Rio de Janeiro numa metrópole afrancesada da *Belle Epoque* tardia, também por isso, chamada de *Tropical*. Ele se torna o seu mais conhecido *flâneur-repórter* de todos os tempos o *dandy*, que tudo vê, tudo registra.

<sup>2</sup> **O Homem na multidão**, conto de Edgar Allan Poe, exemplo clássico entre as mais antigas versões do tema cidade: “A princípio, minhas considerações foram gerais e abstratas. Olhei para os transeuntes em massa e pensei neles em suas relações gregárias. Logo depois, entretanto, concentrei-me nos detalhes, observando, com um minucioso interesse, a enorme variedade de figuras, a maneira de se vestir, o modo de andar, o ar do semblante.” (Poe, 2004, p. 2).

<sup>3</sup> Pseudônimos de João Paulo Alberto Coelho Barreto: X; P.B.; P; João Coelho; Claude; Caran d’Ache; Joe; João do Rio; Paulo José; Simeão; Godofredo de Alencar; José Antonio José; Máscara Negra.

A leitura que faz dos registros mais díspares da cidade complementa e elucida a anotação de ‘literatura panorâmica’ - uma vez que, o mundo do *flâneur* parece se juntar ao do filósofo, ao do sociólogo, ao do etnógrafo e ao do cronista e retrata as pessoas em seus ambientes, não privilegiando nem um nem outro. O modo original de fazer literatura, associada ao jornalismo é, igualmente, outra característica essencial da *flânerie*: “a base social da *flânerie* é o jornalismo”, garante Benjamin (2000) “o jornalista se comporta como *flâneur*, como se também soubesse disso” (p.225). João do Rio, com certeza, era ciente desse seu papel.

Além de assumir sua *flânerie* e de fazer questão de ostentá-la, João do Rio (2005a), também, parecia intencionado a dissertar sobre essa arte que definia como “o mais interessante dos esportes – a arte de flunar” - ainda que hesitasse: “É fatigante o exercício?” (p.50). Ele interpreta o flunar, à moda de Poe, como se não fizesse parte da multidão. Preserva sua individualidade, enquanto todos à sua volta parecem perdê-la, e obtém, ao mesmo tempo, prazer pela localização privilegiada que mantém nessa mesma multidão, justamente por poder contemplá-la com desdém e condescendência ao mesmo tempo.

Ao confessar que cada rua é para ele um “ser vivo e imóvel”, que “as ruas têm alma!” e de reconhecer que sempre foi “um pouco esse tipo complexo” que sorvia tudo o que presenciava - “as observações foram guardadas na placa sensível do cérebro: as frases, os ditos, as cenas vibrantes” (p. 53) –, o cronista age como se fosse um diretor-produtor de documentários, levando o leitor a conjecturar sobre o que presenciaria em sua próxima crônica, criando uma expectativa sobre como ele desvendaria os mistérios do viver moderno, ao mesmo tempo em que precipitava na audiência uma atração pela cidade e pelo ‘embelezamento’ pelo qual estava passando.

Pelo fato de terem seus textos características de uma linguagem fílmica, deve-se entender, neste estudo, a análise da seleção das crônicas como um complemento imprescindível no entendimento das relações desenvolvidas entre o ambiente e os responsáveis pelas mudanças de valores, de hábitos, de costumes. Visto como uma série de centenas de instantâneos ‘*kodackizados*’<sup>4</sup> pelo escritor e arranjados como para serem projetados num *cinematógrafo*<sup>5</sup>, em rápida e intermitente sequência, produzem a ilusão de cenas em movimento, cenas gravadas em decorrência de sua percepção, de sua reflexão e de sua destacada argúcia que, ele mesmo reconhecia “de tanto ver que os outros quase não podem entrever, o *flâneur* reflete” (p. 53).

O entrecruzamento do social e do cultural em sua obra pode ser observado em diversos segmentos. Os textos-espelho do cronista revelam o aspecto cultural a partir de sua visão crítica das elites cariocas e do fascínio que as idéias e os hábitos estrangeiros exerciam sobre a sociedade: a fantasia da Civilização, a fúria imitativa do padrão europeu, o reclamo do moderno, a transformação dos costumes, a cosmopolitização, os centros difusores e periféricos, a identidade e o patriotismo são alguns itens a serem observados.

A noção que se tem hoje, de que todos os indivíduos são ‘cidadãos do mundo’, em que se vive nos interstícios, entre duas ou mais sociedades, duas culturas, dois países, duas cidades, etc., já se fazia presente no final do século XIX em João do Rio que, ao transitar por aquela metrópole que se dividia em muitas - a cidade do *grand monde*, e do

<sup>4</sup> Neologismo criado por João do Rio na crônica **Clic! Clac! O fotógrafo**, compilada no livro **Pall-Mall Rio**, de José Antonio José, de 1917.

<sup>5</sup> João do Rio nomeia a coletânea de seus registros quase ‘fílmicos’ de ‘**Cinematógrafo**’: é o título dado à coluna que em 1907, assinando Joe, escreve para a Gazeta de Notícias. Em 1909 a grande maioria dessas crônicas foi compilada no livro com o mesmo título, **Cinematógrafo**.

*bas-fond*, a dos ‘encantadores’<sup>6</sup> e da ‘canalha’, do sagrado e do profano, e registrar os dois lados em seus escritos, ele também se revelava. A noção de “*in-betweenness*”, em que os valores culturais são negociados continuamente e em que a diferença cultural é reconhecida e produz uma ‘cultura internacional’ baseada na articulação do hibridismo cultural, que traz ambigüidades sobre as múltiplas identidades e cidadanias, era a constante em João do Rio. O ‘peregrino’, vivia entre o Rio de Janeiro e a Europa, entre a Avenida Central dos encantadores e a canalha dos morros da cidade.

### 3. *Tradições, Imitação, Figurino: Quando o Brasil descobrirá o Brasil?*

Temas como *cópia*, *imitação*, *macaqueação* são recorrentes em suas crônicas, assim como era preocupação de intelectuais do século XIX a procura de uma identidade autêntica, que se contrapusesse à ‘emprestada’ dos estrangeiros. Em vários de seus escritos, ele revela seu desprezo pelo comportamento plagiador dos brasileiros, como quando escreve na crônica *Tradições* (RIO, 2001a), em 1916, que os jovens cariocas estavam apenas “*copiando* Paris, (...) *repetindo* Paris na Avenida”<sup>7</sup> e deplorava o fato: “É uma lamentável *macaqueação*, um *fingimento*”. Sua indignação, ao afirmar que “As tradições desaparecem dos nossos costumes miseravelmente!”, era expressa, igualmente, por grande parcela da população carioca que se considerava alijada do processo de ‘modernização’. Observemos um trecho dessa crônica:

**O jovem:** - Vou daqui ao florista. Tenho que mandar flores a diversas senhoras. Depois vou a uma “*confiserie*”. “*Bonbons*”, meu caro, para diferentes damas. Depois, o almoço grande com alguns rapazes em uma certa casa. Passeios à tarde. Casaca. Um jantar como os condes de Portanogra. Em seguida a corrida aos *reveillons*. Tenho de comemorar o nascimento de Jesus com *champanhe* em vários lugares ao mesmo tempo, a começar pelo Assírio, onde estará a *haute-gomme*, até os *cabarets*.... Já mandei guardar uma das mesas de *corbeille* no Assírio.

**O homem de quarenta anos:** - “Mas, criatura, estás apenas copiando Paris, está repetindo Paris na Avenida. É uma lamentável *macaqueação*, um *fingimento*”, (p. 25).

Apesar disso, na mesma publicação, João do Rio, conhecido por seu comportamento paradoxal, censura o desaparecimento das tradições, mas defende, ao mesmo tempo, que “é muito melhor ajudar a destruí-las [as tradições] do que mantê-las em vão...”(p.27). As questões mundiais e a tentativa de *acomodação* de ocorrências globalizadoras, com conseqüências de efeito local estão freqüentemente presentes em seus escritos. O binarismo tradição/modernidade, abordado pelo cronista naquele diálogo entre o jovem e o homem de meia-idade, na véspera do Natal, em que conversavam sobre as festas de fim-de-ano, tem sido progressivamente comprometido, pois apesar das culturas

<sup>6</sup> João do Rio chamava os representantes da elite carioca de ‘encantadores’. Ele os descreve na crônica de mesmo nome, “Os Encantadores”, publicada em **Pall-Mall Rio: o inverno carioca de 1916** (1917, p. 18-21). “Todas as cidades têm apenas um pequeno grupo conhecido. Mesmo em Londres, em Viena e Paris, acabamos reconhecendo que não há mais de trezentas pessoas citadas e citáveis”.

<sup>7</sup> Os grifos desta página, assim como os demais encontrados no artigo, observados nas citações das obras de João do Rio são da pesquisadora.

tradicionais colonizadas permanecerem distintas, como afirma Hall (2003), elas acabam se tornando aspirantes da modernidade. Giddens (1990), ao discorrer sobre a idéia de modernidade em contraste com a tradição, enfatiza a combinação do moderno e do tradicional em ambientes concretos - como faz João do Rio em *Tradições*. O sociólogo inglês assegura que a tradição não pode ser vista como um todo estático, mas sim como um meio de manipular o tempo e o espaço e que sobrepõe quaisquer atividades ou experiências particulares à continuidade do passado, presente e futuro, e estes, em contrapartida, são estruturados por práticas sociais recorrentes. Sob essa visão, a tradição tem que ser reinventada pelas novas gerações no momento em que assumem a responsabilidade do recebimento da herança cultural das mãos daqueles que as antecederam.

Destaca-se em outra crônica, publicada em 29/07/1916, cujo título *Imitação* (RIO, 2001b), já é premonitório do que ele entende por traslado, sua declaração de que “O Brasil é um país intensivo no acompanhamento”, pois é, reconhecidamente, “o país da imitação”:

O Brasil é um país intensivo no acompanhamento...

- Porquê?

- Porque é o **país da imitação**.

- Não exageres.

- Não há terra igual. Podes tomar as **adaptações** que são a origem da **Moda** transitória nas capitais civilizadas, podes pegar dos negros do interior da África, que **imitam** os brancos das expedições. Diante do brasileiro, ficam todos longe. **Neste país não há nada original**. E quando há, imediatamente deixa de ser, pela **fúria da imitação** (p. 113).

Em *O figurino* (RIO, 2005), compilada no livro *Psicologia Urbana*, de 1911, o cronista admite suas dúvidas quanto à autenticidade de seu próprio comportamento, reconhecendo-se ser, também, vítima da imitação. Ao se dar conta de seu dandismo importado, ele confessa: “parei um tanto assustado com o que se passava em mim”. Apercebera-se, naquele momento, o quanto ele se parecia, em atitudes, gestos e gostos a qualquer pessoa em evidência numa grande metrópole, como se pertencessem todos a uma “espécie de cooperativa de atitudes alheias”, o que o fez considerar o assunto da imitação, tomando ele próprio como objeto de observação, mais seriamente:

Segurando a bengala com o cartão para baixo, o *tub* no alto da cabeça, a luva, o gesto exatamente como qualquer outra pessoa em evidência desde **o rei da Inglaterra** ao menino Brulé do Athnée, eu caminhava como o gordalhudo príncipe Orloll, crispava o beijo num sorriso de desprezo **americano**, e ia por ali, *como toda gente chic*, espécie de cooperativa de atitudes alheias, atacado da grande e fundamental doença: **a fúria imitativa, a macaque universal** (p. 170).

Ao se ver como esnobe naquele “ambiente de artificialismo”, teve um arroubo de consciência sobre a condição de semelhança que a sociedade moderna perseguia e passou a formular princípios filosóficos sobre o assunto: “Tudo no mundo é cada vez mais **figurino**. O **figurino** é a obsessão contemporânea. (...) O **figurino** é obsessão como ponto de comparação moral, que ataca os indivíduos, as classes, as populações” (p. 171). Nesse dia, João do Rio antecipou o conceito de ‘homogeneização cultural’, que o mundo globalizado seria vítima quase um século depois: “Assim o **figurino** existe em tudo – em



arte, em política, em *sport*, em religião, nos usos e costumes, como nas *toilettes*. (...) Os figurinos de correntes gerais são adotados, sem que a massa se aperceba” (p. 171).

João do Rio reconhecia-se entre aqueles que seguiam as diretrizes dos grandes centros civilizadores, dos centros difusores, e sabia pertencer a um pequeno grupo que se incumbia de espalhar os elementos ou sistemas de cultura. Em *O figurino*, reflete sobre seus atos imitadores, confessando-se um idiota – “senti-me tão idiota que de repente parei, reagi”. Ele arriscava-se, naquele momento, a protestar: “Retoma, menino, o teu próprio eu!” (p. 170), ao mesmo tempo, em que tentava eximir-se de parte da culpa quanto àquela civilização de empréstimos, afinal, - “a maior parte irresistivelmente imita o figurino, os mais inteligentes, com uma certa raiva de ainda não serem imitados, os outros, o mundo, sem perceber” (p. 172).

Juntamente à exposição da *cópia*, da *repetição*, da *macaqueação*, da *adaptação*, da *imitação*, assinalados nas divagações do *flâneur* João do Rio, a idéia de “lealdade nacional”, engastada no conceito de patriotismo e baseada no contra ou a favor, presente entre os brasileiros, apesar de todos os discursos pós-modernos, pode ser reconhecida em várias de suas crônicas. Sua abordagem sobre o assunto, no entanto, é igualmente reveladora do ‘entre-lugar’ de suas idéias, do contra e do a favor do amor à pátria e do amor a Paris.

***Quando o Brasileiro Descobrirá o Brasil?*** (RIO, 1909), crônica publicada no auge de “o Rio Civiliza-se”, em 11 de agosto de 1908, e, às vésperas da inauguração da Exposição Nacional, é concebida, justamente, quando se comemora o primeiro aniversário da abertura dos portos ao comércio internacional. Naquele ambiente, em que se tentava iniciar um movimento para um autoconhecimento nacional, o cronista expõe o pensamento intelectual limitado dos ‘encantadores’. Ele os apresenta como conhecedores da história, da política, da cultura e dos costumes, não só dos parisienses e londrinos, mas também dos habitantes de países como a Dinamarca, a Suécia, o Egito, a Sibéria ou o Turquestão, no entanto, desconhecem que “Minas não tem porto de mar”. As observações mordazes com que João do Rio recheia os diálogos dessa crônica, como se observa nos trechos citados a seguir, deixa à mostra as críticas ferinas que fazia à elite pela falta de cultura e de consciência nacional:

- Mas então, Minas não tem um porto de mar?
- Infelizmente, minha senhora. Apesar do Brasil ter as costas largas, Minas é um dos quatro Estados centrais, sem porto de mar.
- Quatro, só?
- Infelizmente, quatro, só. Apesar do Brasil ter muitos Estados, os outros não aderiram ao movimento de horror ao oceano (p.1).

Em meio ao que ele, ironicamente, chama de “interessante e erudita palestra”, em que, a conversa se desenrola em um dos salões cariocas ambientados à francesa e à inglesa, freqüentado por homens e mulheres bem vestidos, João do Rio acusa, claramente, aquela sociedade dominante de ser ignorante das coisas do Brasil e, extremamente, interessada nas ‘estrangeirices’,

Esta interessante e erudita palestra, era num salão perfeitamente intelectual. Havia damas deliciosamente vestidas e cavalheiros

superiormente instalados na vida. Os que em torno da mesa do chá, preparado à russa, com limão, ouviram as minhas revelações, tinham o ar impertinente e fatigado com que se permite a um toleirão mostrar as suas habilidades, e a própria dama que perguntava, fazia-o apenas por um desfastio civilizado. Que se importava ela com os Estados do Brasil, e que Minas fosse um Estado central? (p.1)

No ano de 1916, em meio à Primeira Guerra Mundial - fato que impedia os cariocas de viajarem para aquela cidade e os fazia invejosos dos que estavam lá - João do Rio exterioriza sua dificuldade em pertencer a dois países, a dois mundos ao mesmo tempo. A saudade infinita de Paris, ainda que as festas, os bailes, os chás, e todas as frivolidades do Rio, fossem um “reflexo de Paris, lembrança de Paris, saudade de Paris” é exteriorizada em várias ocasiões. A passagem abaixo, da crônica **Saudade** (RIO, 2001c), assinada por Joe, na *Semana Elegante*, em 15/07/1916, é reveladora da nostalgia do carioca em relação ao estrangeiro. Ele enfatiza que, mesmo aqueles que nunca haviam estado em Paris, sentiam-se divididos, pois, em “sendo inteligentes, têm saudades de Paris” (p.108). Observe-se que João do Rio pinta o retrato da ambiguidade, do pertencimento apartado, como a antecipar a questão da possibilidade de pertencer a dois países simultaneamente, mal dos indivíduos diasporizados. Parecia dizer que havia uma hesitação, como se pudesse existir remota possibilidade de escolha de nossa cidadania:

Em Paris, bem sei, há um **patriotismo brasileiro**. Paris ensina a ser patriota, porque Paris tem todas as nobrezas. Não há nenhum estrangeiro que nas margens do Sena, não aprenda a amar a sua terra, amando a França. Mas quando se sai de Paris, amamos a nossa terra a nossa pátria, com uma obsessão: a saudade de Paris (p.108).

Enquanto os cariocas continuavam a se preocupar com ‘os outros’, com o figurino do ‘lá fora’ e com a mimetização em vários níveis, esqueciam-se de imitar franceses e ingleses no modo como amavam e respeitavam os países em que nasceram. Conforme as palavras do cronista, extraídas de *Quando o Brasileiro Descobrirá o Brasil?*, tudo o que era nacional, inclusive a geografia, era tido como de mau gosto.

## Conclusão

“Ninguém entendia o Rio sem ler o João”, garante Martins Rodrigues (2000, p.36), suas andanças pelas ruas eram transformadas em poesia na forma de crônicas. O mesmo acontecia com suas peças de teatro, como em seus romances. A sociedade de imitação, *clicada* pelo cronista-repórter, que não deixava escapar os assuntos que alimentavam as conversas, as discussões, as palestras, o dia-a-dia da *high society*, sua insolência de *dandy*, demudavam seus textos em espelhos do artificialismo de uma sociedade que primava pelas aparências, acabando por revelar, daquele modo, um brilho que era falso - a busca incessante da Civilização, uma fantasia feita à base da cópia.

No ano de sua morte, em 1921, já estavam em curso as primeiras manifestações em busca da identidade brasileira em raízes nativistas, impetradas por pensadores, intelectuais, escritores e políticos. O significado do ‘ser brasileiro’ continuava a ser a

grande questão na era pós-República, em que o passado e o futuro continuavam a se confundir. Os modernistas preocupavam-se com um futuro idealizado e estavam em busca de uma estetização da cultura brasileira pura, que unisse passado e futuro de maneira harmônica, o que, nesse sentido, parecia, igualmente, ser a ambição de João do Rio.

Os processos de desestabilização e reajustamento social junto das tentativas de organização política na primeira República foram expressos de várias formas, e, uma delas, sem dúvida foi expressa pela linguagem escrita, pela poesia, pela crônica social. O tema ‘patriotismo’, era corriqueiro - às vezes, um patriotismo ufanista como o de Olavo Bilac, que liderou uma campanha nacionalista, ou envergonhado, como o de João do Rio que, apesar de tentar definir de inúmeras maneiras o que era ser brasileiro e patriota, sua verve irônica e mordaz, resolve, contraditoriamente, por à mostra o que significava ‘não ser brasileiro, nem patriota’ naquela sociedade elitista. Repetia, causticamente, que o que os brasileiros mostravam era uma “forma de *impatriotismo* involuntário”, isso acontecia num dos momentos, que se pode dizer, de grande ufanismo patriótico - o período que coincide com a Primeira Guerra Mundial e os primeiros decênios seguintes.

As seleções de textos do cronista-repórter aqui apresentadas evidenciam o momento e explicam o clima de enaltecimento do cosmopolitismo, identificado com a vida e os padrões europeus e valores burgueses. Aqueles que faziam parte das elites pareciam não esconder que almejavam ser menos ‘brasileiros’, enterrar o passado colonial e escravocrata e esconder a vergonha do Brasil de ser pobre e negro. João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, o *flâneur* João do Rio, os cronistas Joe, Godofredo Alencar, José Antonio José e o Paulo Barreto, tradutor de Oscar Wilde reúnem-se para *kodackizar* o momento, mimetizam o etnógrafo moderno e o *scholar* dedicado aos Estudos Culturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **The Arcades Project**. Translated by Howard Eiland and Kevin McLaughlin. Cambridge: The Harvard University Press, 1999.
- BHABHA, Homi. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. 4a. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Inglês no Brasil**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures**. New York: Basic Books, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Local Knowledge**. New York, 1983.
- GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio por Renato Cordeiro Gomes**. Coleção Nossos Clássicos. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **The consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D.P. & A Editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais**. Orga. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

- \_\_\_\_\_. **Quem Precisa da Identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. 6ª. edição. P. 103-131.
- HANNA, Vera L. Harabagi. Está bem bom para inglês ver : historiografando a língua e cultura inglesas no Brasil no século XIX até a o início da Era Republicana. **Todas as Letras, Revista de Língua e Literatura**, Universidade Presbiteriana Mackenzie, ano 6, Nº 6, VOL. F, 2004. P. 63-72.
- \_\_\_\_\_. **Gramaticografia novecentista: raízes maximinianas**. In: BASTOS, Neusa Barbosa, PALMA, Dieli Vesaro (org.). **História Entrelaçada 2 – A Construção de Gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa na primeira metade do Século XX**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006. P. 61-81.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1994.
- MARTINS, Luis. **João do Rio, uma antologia**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- MARTINS RODRIGUES, Antonio Edmilson. **João do Rio: A cidade e o Poeta – olhar de flâner na belle époque tropical**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- NEEDELL, Jeffrey. **A Tropical Belle Epoque. Elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro**. New York: Cambridge University Press, 1987.
- PEIXOTO, Níobe Abreu, **Crônicas Efêmeras. João do Rio na Revista da Semana**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- POE, Edgar Allan. **O Homem na multidão**. In: **Contos**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- RIO, João do. **Cinematógrafo: crônicas cariocas**. Porto: Chardron de Lello & Irmão. 1909.
- \_\_\_\_\_. **Pall-Mall Rio: o inverno carioca de 1916**. Rio de Janeiro: Villas. 1917
- \_\_\_\_\_. **A Alma encantadora das Ruas**. 2ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2005a.
- \_\_\_\_\_. **Tradições..** In: PEIXOTO, Níobe Abreu, **Crônicas Efêmeras. João do Rio na Revista da Semana**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001a. P.25-27.
- \_\_\_\_\_. **Imitação.** In: PEIXOTO, Níobe Abreu, **Crônicas Efêmeras. João do Rio na Revista da Semana**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001b. P. 113-115.
- \_\_\_\_\_. **O Figurino.** In: GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio por Renato Cordeiro Gomes**. Coleção Nossos Clássicos. Rio de Janeiro: Agir, 2005. P. 169-174.
- \_\_\_\_\_. **Quando o Brasileiro Descobrirá o Brasil? Crônica extraída do livro Cinematógrafo: chrônicas cariocas**. Porto: Chardron, 1909. p. 275-283. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/>. Acesso em 12/9/2004.
- \_\_\_\_\_. **Saudade.** In: PEIXOTO, Níobe Abreu, **Crônicas Efêmeras. João do Rio na Revista da Semana**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001c. P. 107-109.
- SALIBA, Elias Tomé. **A dimensão cômica da vida privada na República**. In: SEVCENKO, Nicolau (org. vol.) **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Vol.3. cap. 4. P. 289-366.
- \_\_\_\_\_. (Org.vol. 3). **História da Vida Privada no Brasil. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 513-619.
- \_\_\_\_\_. **Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na primeira república**. 2a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. 6ª. edição.